
Mídias Digitais, Cuidado e Autocuidado no Movimento Feminista como Estratégia de Participação¹

Cosette Castro²

Universidade de Brasília

Resumo

Em tempos de crise da democracia é possível estabelecer fluxos comunicativos que possibilitem a inclusão social e digital de mulheres ativistas no Brasil, cada vez mais ameaçadas pela violência e o feminicídio? O presente artigo³ reflete sobre o uso das mídias digitais como (possível) espaço de saúde mental entre mulheres ativistas e apresenta projeto inédito no Brasil realizado pela ONG CFEMEA, de Brasília/DF, de estímulo ao cuidado e autocuidado entre mulheres. O estudo apresenta um diálogo entre as Ciências da Comunicação, na sua vertente digital, a partir do uso das mídias digitais pela ONG CFEMEA, com os Estudos de Gênero, levando em consideração as diferenças existentes no interior do movimento feminista e a naturalização, na sociedade patriarcal, do papel da mulher em relação ao cuidado como algo “nato”, e com a Psicanálise gerando (possíveis) novas subjetivações.

Palavras-chave: Mídias Digitais; Gênero, CFEMEA, Psicanálise, Saúde Mental

Introdução

Este artigo foi dividido em três etapas. Na primeira parte, apresenta reflexões sobre a relação entre saúde mental, cuidado e autocuidado a partir de autores como Boff, Ayres, Gilligan, Corbani, Brêtas e Matheus e Foucault. Na segunda etapa, inclui a contextualização sobre os estudos de gênero, em suas diferentes etapas, a partir de autoras como Scott, Butler, De Lauretis e Zanello, apresentando também o Centro

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergência Tecnológica, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Psicanalista. Pós-Doutora em Comunicação pela Cátedra de Comunicação da UNESCO/UMESP. Doutora em Comunicação e Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Atualmente desenvolve estudo pós-doutoral no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UNB).

cosettecastro2012@gmail.com

³ Este artigo é parte das reflexões pós-doutorais que venho desenvolvendo na linha de Pesquisa Psicopatologia, Psicoterapia e Linguagem do Instituto de Psicologia da UNB, em Brasília, com acompanhamento da Professora Dra. Valeska Zanello.

Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA) e seu projeto de cuidado e autocuidado entre mulheres ativistas. A última parte deste artigo apresenta um breve diálogo entre Psicanálise e mídias digitais, sobre as possibilidades de resistência e produção de novas subjetividades nas redes sociais digitais (RSD) em tempos de cerceamento à liberdade sexual e manifestações de gênero.

Sobre Saúde Mental, Cuidado e Autocuidado

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2004) afirma que saúde mental é um estado de bem-estar nos diversos âmbitos de uma pessoa: subjetivo, intelectual e emocional, assim como a possibilidade de construção de competências individuais e coletivas. Nesse trabalho considera-se que o cuidado e o auto-cuidado são parte importante do constructo emocional da saúde mental.

Para Boff (1999), o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, é um modo-de-ser essencial. O teólogo considera o cuidado uma dimensão sempre presente, irreduzível, originária, ontológica e impossível de ser completamente desvirtuada: "Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado" (Boff, 1999, p. 11). O autor afirma também que "cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro" (p. 33).

Ayres (2004) entende o cuidado a partir de três categorias: ontológica, genealógica e crítica. A categoria ontológica diz respeito ao cuidado como uma condição da existência humana, como o moldador da existência, o qual só concretiza-se a partir da mesma; e abrange aspectos constituintes da existência relevantes para a saúde, tais como o movimento, a interação, a identidade e alteridade, a plasticidade, o projeto, o desejo, a temporalidade, a não-causalidade e a responsabilidade. A genealógica implica uma compreensão histórica acerca da perspectiva das primeiras teorizações sobre o cuidado de si, na Grécia Antiga. O cuidado como categoria crítica refere-se ao modo de interação existente nas práticas de saúde contemporâneas, dedicando-se ao campo já delimitado da tecnologia e suas relações com o atendimento a aquele/a que necessita.

É na sociedade patriarcal que a ética do cuidado pode ser deturpada em uma ética feminina – algo que até pode possuir um valor no âmbito de relações familiares e de proximidade, mas não tem qualquer importância do âmbito mais amplo da sociedade,

governada por direitos, princípios e normas, geralmente concebidos em conformidade com valores patriarcais. Tais direitos, princípios e normas exigem sujeitos com determinadas características, entre elas a da autonomia, para que possam participar ativamente desse espaço.

Por outro lado, é também na sociedade patriarcal que a ética do cuidado pode se constituir em um instrumento de transformação social. (Gilligan, 2011, p. 23). O cuidado aparece aqui na forma da valorização da interdependência entre os seres humanos, considerando-se as relações dentro de seu contexto. O teórico francês, Michael Foucault afirmava que, embora na sociedade exista uma série de dispositivos⁴ de poder⁵ que tentam dobrar os indivíduos e controlar sua subjetividade e desejo, os sujeitos sociais conseguem encontrar formas de escapar destes mecanismos de poder ao cuidar de si. As mulheres ativistas que fazem parte do projeto de cuidado e autocuidado do CFEMEA tentam romper, através de encontros sistemáticos presenciais e/ou virtuais com os dispositivos de poder a que são submetidas e geram sofrimento, para dar espaço ao autocuidado.

A ética do cuidado permite ainda questionar a cultura que opõe os gêneros, isto é, que induz meninos a esconder seus sentimentos como se isso fosse parte do processo „natural“ de formação da masculinidade. Através da concepção ética baseada no cuidado defende-se que certas características podem ser desenvolvidas por todos os seres humanos, entre elas, a habilidade de cuidar. Seres humanos não precisam se dissociar de si mesmos tendo em vista a determinação patriarcal de corresponder ao estereótipo do “homem másculo”. Ou seja, a ética do cuidado, ao dar espaço aos sentimentos morais, tais como, amor, entendimento mútuo, empatia, entre outros, não é uma abordagem feminina, mas possibilita uma abordagem feminista da ética, que visa a transformação da própria sociedade patriarcal.

No entanto, com relação a si, as pessoas encontram-se esquecidas de si mesmas. Na concepção ética de Foucault significa que ele/a se esquece de cuidar de si mesmo/a e, além disso, esquece-se desse esquecimento, o que o/a impede de “cuidar de si”. As pessoas nessas condições mantêm-se distante de si com sua consciência localizada em outras coisas que não ele/a mesmo/a. De acordo com o autor francês, o homem

⁴ Conceito de Foucault que combina estrategicamente os campos do saber, a partir de uma rede de discursos, as relações de poder, onde é possível determinar as relações e disposições estratégicas entre seus elementos e os modos de subjetivação dos sujeitos.

⁵ Foucault (1993) diz que o poder não é apenas coercitivo e negativo, mas produtivo: ele não somente nega, coíbe e proíbe, ele produz e incita.

necessita voltar para si para depois voltar-se para o mundo, caracterizando o duplo-retorno dessa concepção ética.

Segundo Foucault (2010), o cuidado de si mesmo⁶ é visto como um sinal de liberdade já que parte da consciência e de um conjunto de decisões que tomamos durante a nossa vida. Além disso, ele é constituído como um pilar das relações sociais e individuais e na prática de um [conhecimento](#) adquirido. O pensador francês observa a importância do corpo-mente como uma unidade transcendente e singular. Foucault afirma que existimos para gerar autoconsciência e responsabilidade sobre a nossa própria vida.

Embora na sociedade patriarcal exista uma série de dispositivos⁷ de poder⁸ que tentam dobrar os indivíduos e controlar sua subjetividade e desejo, os sujeitos sociais conseguem encontrar formas de escapar destes mecanismos de poder ao cuidar de si. Um exemplo é o projeto, inédito no Brasil, que vem sendo desenvolvido pela ONG CFEMEA, de Brasília/DF, e será abordado nas próximas páginas.

Vale recordar que o sujeito é compreendido por Foucault como um “eu” ético em relação consigo mesmo, sendo assim compreendido como “transformável, modificável: é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta [...]”. A ética consiste, para Foucault, no direcionamento da própria subjetividade reflexiva para si visando formas de se reinventar, de se elaborar a própria vida.

O sujeito cria uma “distância” entre si e o mundo não egoisticamente, mas sim, criando essa distância, volta-se para si, para agir sobre o mundo. Trata-se de um “eu” reflexivo que, de acordo com as circunstâncias, recolhe-se para depois agir. A proposta de Foucault consiste em cuidar de si para poder cuidar do outro, exigindo responsabilidades para com o mundo.

Oliveira e Dordevic (2015), do grupo de coordenação do CFEMA, seguem a mesma linha de pensamento de Gilligan e Foucault:

“O cuidado entre ativistas é uma forma de intervenção política que oportuniza, às mulheres que estão no ativismo, lidar com elementos que bloqueiam sua trajetória de transformação no âmbito subjetivo. É um caminho para interpelar o individualismo, o sexismo, o racismo e outras formas de discriminação que introjetamos e nos oprimem. E, ao mesmo tempo, é uma maneira de lidar e buscar eliminar tais elementos dos discursos

⁶ Aqui compreendido como autocuidado.

⁷ Conceito de Foucault que combina estrategicamente os campos do saber, a partir de uma rede de discursos, as relações de poder, onde é possível determinar as relações e disposições estratégicas entre seus elementos e os modos de subjetivação dos sujeitos.

⁸ Foucault (1993) diz que o poder não é apenas coercitivo e negativo, mas produtivo: ele não somente nega, coíbe e proíbe, ele produz e incita.

e práticas de quem quer transformar o mundo”. (Oliveira & Dordevic, 2015, *on line*)

Cuidado, Autocuidado e sua Relação com a Questão de Gênero

Segundo a pesquisadora Joan Scott (1989, p.09), o feminismo como movimento global aborda as preocupações em relação ao gênero a partir de três posturas: 1ª Postura - Um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado; 2ª Postura - Situa-se no seio de uma tradição marxista e procura um acordo com as críticas feministas; 3ª Postura - Está dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relações de objeto, inspirando-se nas várias escolas de Psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito.

O conceito de gênero aparece através da Psicologia em sua vertente médica pela primeira vez a partir dos trabalhos de Robert Stoller (Lamas Apud Zanello, 2018), ao desconstruir socialmente o “feminino” do “masculino”. A primeira onda feminista, marcada pela luta pelo direito ao voto universal no final do século XIX e começo do século XX, já mostrava as necessidades, reivindicações e diferenças dentro do movimento de mulheres, particularmente no que diz respeito a realidade das mulheres brancas e não brancas, o que no caso brasileiro, ainda segue ocorrendo.

A segunda onda ofereceu relevância às duas questões fundadoras deste momento: a diferença social como um “fato”, sendo o gênero uma construção social a partir dessas diferenças e a noção de identidade como algo substancial, marcado pela constância (Zanello, 2018, p.43). Mais uma vez, as diferenças entre mulheres brancas, particularmente as de classe média e alta, e não brancas é deixado de lado, inclusive no Brasil. Já a terceira onda, que começou no final dos anos 80 do século XX, colocou em xeque vários pressupostos do momento anterior, inclusive a inquestionabilidade da diferença sexual, anatômica e biológica, levando em consideração que as questões biológicas sempre foram utilizadas para reduzir e restringir os espaços femininos.

A maior representante da terceira onda do feminismo, a filósofa Judith Butler (2012), defende que a diferença sexual é uma construção de gênero e assim sendo, é um conceito que está relacionado e implica relações de poder – historicamente determinadas pelos homens - de privilégios e de maior ou menor prestígio.

A autora também questiona o conceito de “identidade de gênero” como algo estático afirmando que o tornar-se homem ou mulher ocorre através da cultura a partir de diferentes discursos que circulam em uma sociedade binária, o que significa obrigar os

corpos a se conformarem com idéias historicamente construídas de “homem” e “mulher”.

Esses discursos aparecem e se multiplicam na família, na escola, nos meios de comunicação, nos artefatos culturais e artísticos (livros, revistas, espetáculos, filmes, analógicos ou *on line*, etc), nos locais de trabalho, nas diferentes manifestações religiosas e nos grupos sociais, como clube e associações, entre outros, “naturalizando-se” até serem questionados. No que diz respeito ao movimento de mulheres é importante ressaltar o papel que muitos movimentos alternativos à militância feminista desempenham e como essas posturas inserem-se em seus discursos. São agrupações que lutam pela equidade de gênero, mas não possuem uma afiliação formal a partidos ou organizações com objetivos políticos e/ou de mobilização coletiva definidos. Esse tipo de feminismo não afiliado – como é o caso da ONG CFEMEA⁹ - tem alcançado, a partir da popularização da internet, voz importante na esfera pública¹⁰ nacional e internacional, ocupando espaços de compartilhamento social também através da virtualidade para espalhar suas idéias. No caso do CFEMEA, uma organização não governamental sem fins lucrativos, fundada em 1989, com sede em Brasília-DF, a voz feminista se faz presente também na esfera pública presencial. Essa esfera pública presencial ocorre tanto nas atividades desenvolvidas com mulheres em todo país, como é o caso das rodas de cuidado e autocuidado, quanto nas lutas desenvolvidas no Congresso Nacional e no ativismo de rua e em manifestações públicas.

A ONG CFEMEA, com sede em Brasília, foi criada há 30 anos e desde 2015 inaugurou um ciclo de trabalho orientado à sustentabilidade do ativismo feminista e das mulheres. Essa orientação ocorre em duas linhas de ação: o desenvolvimento da dimensão política do autocuidado e do cuidado entre ativistas e militantes; e a formação política feminista¹¹.

De acordo com o site do CFEMEA, a ONG vem promovendo cursos, debates, encontros, formações e rodas de autocuidado e cuidado entre mulheres ativistas, trazendo elementos dos grupos de autorreflexão que inauguraram a onda feminista dos anos 60; da Terapia Comunitária Integrativa (criada nos anos 1980), da metodologia da

⁹ Mas que possui mobilização coletiva definida.

¹⁰ No sentido dado por Habermas.

¹¹ Informações disponíveis na página web do CFEMEA.

Roda de Mulheres (desenvolvida pela Arcana, em 2004), e da práxis educativa feminista, que tem como referência a pedagogia de Paulo Freire.

“O diálogo entre as mulheres, sujeitas de suas próprias vidas, é um elemento central desta metodologia, geradora de processos reflexivos e de autoconscientização, voltados para uma ação transformadora da realidade”¹².

Projetos de cuidado e autocuidado, como o realizado pelo CFEMEA, podem ser considerados como um espaço de resistência em tempos de cerceamento dos direitos individuais e coletivos no Brasil e oferecem um espaço virtual de fluxo comunicacional contínuo que reflete sobre a condição da mulher em diferentes Estados brasileiros e colaboram para criar vínculos e fortalecer laços sociais entre as ativistas.

O conceito de laço social, aqui visto como a possibilidade que as relações entre mulheres ativistas possam reforçar o autocuidado. Laço social foi o termo cunhado por Lacan em sua leitura daquilo que Freud chamava de vida social para designar qualquer acontecimento que envolvesse a atitude do sujeito em relação aos outros. Uma noção que aparece na sua teoria dos discursos (*O Seminário, livro 17, O avesso da Psicanálise* - 1969- 70). Mas outros autores como os sociólogos Dominique Wolton (1998), Zygmunt Bauman (1999) e a psicanalista Scherry Turkle (19997b) refletiram sobre os laços sociais. Turkle, por exemplo, afirmou que os mundos virtuais podem ajudar na resignificação de aspectos de si. Os três autores acreditam que as redes sociais digitais constituem poderosos elos da corrente relacional.

Os discursos, sejam eles presenciais ou virtuais, servem de fundamento para o laço social, pois cada um implica uma articulação do campo de sujeito com o campo do Outro, o que reflete o princípio de todo laço social.

Estudo de Caso do CFEMEA¹³

Ao longo das atividades psicanalíticas de atendimento na Clínica Social da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Psicanálise (ABEPP) e na participação das Rodas de Cuidado e Autocuidado para Mulheres do CFEMEA em 2018 foi possível observar como as mulheres - mesmo as ativistas - são cultural e historicamente preparadas para “cuidar” dos outros (marido, filhos, pais, comunidade ou alunos), dentro de uma lógica binária sobre masculino/feminino. Essa lógica binária inclui a “naturalização do

¹² Conforme o texto “Ativistas: Uma estratégia para fortalecer as lutas das mulheres” (sem autoria), disponível no site do CFEMEA.

¹³ De acordo com seu site, o feminismo, os direitos humanos, a democracia e a igualdade racial são nossos marcos políticos e teóricos. Mais informações em <http://www.cfemea.org.br>.

cuidado” como algo relacionado ao feminino, sendo o autocuidado percebido, muitas vezes, como uma forma egoísta de estar e sentir o mundo ou ainda apontado como “autoindulgência”, gerando sofrimento entre as mulheres.

O recorte de gênero nesta reflexão ganha aderência em diálogo com as Ciências da Comunicação, pois aponta também a relação das mulheres com as tecnologias e com as mídias digitais, em geral pensadas e desenvolvidas para homens, embora o uso de computadores só tenha se tornado viável a partir das pesquisas sobre algoritmo realizadas por Ada Lovelace¹⁴ no século XIX e pelos estudos que viabilizaram a conexão *wireless* da atriz e pesquisadora austríaca radicada nos Estados Unidos, Hedy Lamar¹⁵, nos anos 40 do século XX.

Os dois casos de mulheres cientistas que revolucionaram a tecnologia mundial e que só foram reconhecidas recentemente ajudam a exemplificar os processos de invisibilização das mulheres em geral (e das cientistas em particular) no decorrer da história, algo que ocorreu em uma sociedade patriarcal com a convivência tanto da academia como das mídias analógicas e mais recentemente das mídias digitais comerciais¹⁶. Essa invisibilidade é uma violência de gênero institucional reforçada pelo discurso jornalístico que apresenta – no contexto brasileiro - o conceito de gênero como binário. Isto é, uma idéia de masculino/feminino, de masculinidade/feminilidade como essências, seja no sentido metafísico como “naturalizante” (Zanello, 2018).

Essa “naturalização” leva a idéia (distorcida) de que as mulheres têm instinto materno e são “naturalmente” cuidadoras, enquanto os homens são “naturalmente” agressivos e “potencialmente” inovadores. Trata-se de uma lógica paternalista que estimula homens e mulheres a acreditarem também que o desenvolvimento, uso e apropriação de tecnologias digitais seria algo restrito ao mundo masculino.

Embora o movimento feminista tenha avançado em suas conquistas, a invisibilidade das mulheres segue vigente ainda hoje e aparece em diferentes níveis sociais e etários¹⁷,

¹⁴ Disponível em < www.tudointeressante.com.br/2016/03/16-coisas-inventadas-pelas-mulheres-que-mudaram-o-mundo.html >. Acesso em 26 de dezembro de 2018.

¹⁵ Disponível em < <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/03/veja-10-mulheres-inventoras-que-revolucionaram-o-mundo.html> >. Acesso em 26 de dezembro de 2018.

¹⁶ É verdade que o surgimento das mídias digitais colaborou para a divulgação das propostas feministas e dos direitos das mulheres, mas em geral se restringem a publicações *on line* alternativas, acessíveis a um público interessado na temática feminista ou dos direitos humanos.

¹⁷ Embora a pesquisa não cite, a questão racial é também uma forma de invisibilização da mulher, particularmente no caso de mulheres negras ou indígenas.

como mostra recente estudo da fundação chilena *Espacio Público* (2018)¹⁸ ao relatar que 12,5 milhões de jovens na América Latina entre 15 e 24 anos, entre as quais as brasileiras, não estudam nem trabalham (fora de casa). O estudo mostra que as mulheres representam a maioria dos casos, sendo que no Brasil as jovens mulheres chegam a 30%, 10% a mais que os rapazes. Entre aquelas que não estudam nem trabalham (fora de casa), 64% se dedicam ao cuidado de familiares, quase todas fazem serviços domésticos e ajudam nos negócios da família (95%).

Discurso Feminista como Participação e Resistência

O discurso torna-se o dispositivo pelo qual a identidade de gênero se constitui e, ao mesmo tempo, constitui a materialização da resistência por meio da linguagem (Butler, 2002). Por isso, a ocupação de espaços presenciais e/ou virtuais para multiplicar propostas e reflexões feministas, entre elas as que incluem o cuidado e autocuidado entre ativistas pode ser significativo para ampliar a participação das mulheres, particularmente em um país com graves diferenças sociais, educativas, com diferenças gritantes de infra-estrutura e acesso às tecnologias digitais e com um crescente cerceamento ao direito à diferença. Como disse a ativista Audre Lorde (2018), o autocuidado é uma forma de autoproteção¹⁹ e é possível acrescentar, uma forma (e possibilidade) de autoconhecimento, onde o individual e o coletivo convivem e se transformam continuamente.

Não se trata mais de pensar o feminismo como uma massa compacta, como ocorreu na segunda onda, mas de pensar o movimento feminista com diferentes grupos de mulheres, com suas singularidades, pois, para além das relações de gênero, o sujeito também está marcado por um campo social heterogêneo (De Lauretis, 1984)²⁰ com sua complexidade e diferenças, que incluem as relações de classe, raça, religiosidade, sexualidade, nível educacional, ocupação e níveis de alfabetização digital e acesso às tecnologias.

Psicanálise, Subjetividade e Saúde Mental

¹⁸ A pesquisa intitulada *Milenials na América Latina e Caribe: trabalhar ou estudar?* foi publicada em dezembro de 2018 e envolveu 15 mil entrevistadas em nove países, entre eles o Brasil. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/04/internacional/1543937044_452881.html?id_externo_rsoc=FB_CC&fbclid=IwAR2fBEPFw6C-NA2wJmXgbfNJcUWBtDwUyRo0ky4pvL2-B893HpavkUfneuQ > . Acesso em 20 de dezembro de 2018.

¹⁹ COMUM (2018). *Mini-Manual de Autocuidado para Mulheres na Linha de Frente*. (documento pdf)

²⁰ Disponível em < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033218/mod_resource/content/1/LAURETIS%2C%20Teresa%20de%20-%20%20A%20Tecnologia%20do%20Genero.pdf > .

O surgimento da Psicanálise, contam Roudinesco & Plon (1998, p.742,) ocorre em meio a modernidade do mundo ocidental, quando o discurso da ciência substitui o discurso teológico e a noção de subjetividade passa a ser dominada pela razão, sendo conduzida pela consciência. O autocentramento do sujeito no eu e na consciência é o marco cartesiano ("*penso, logo sou*"), que atribui ao eu o seu reinado, subjugando o conceito de inconsciente, ficando este reduzido a uma espécie de consciência desconhecida. A filosofia ocidental define o sujeito como sendo "o sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência", e que desde "René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804) até Edmund Husserl (1859-1938), o sujeito foi definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos".

Nesse momento, lembram Torezan e Aguiar (2011), sendo a individualidade colocada como o ideário da modernidade, a subjetividade era pensada como algo unificada e governada pela consciência, que reduzia o conceito de inconsciente a um estado de caráter temporário e adjetivado. Foi preciso aparecerem as reflexões de pensadores como Marx²¹, Nietzsche²² e Freud para abalar de vez esses conceitos e mitos. No que diz respeito à Psicanálise, Freud abalou o estatuto de soberania do eu, da consciência e da razão com uma nova concepção sobre o inconsciente.

Para Freud, o inconsciente passa da condição de apêndice da consciência à estrutura particular e determinante da subjetividade, o sujeito se torna cindido em duas formas de funcionamento: a consciente e a inconsciente. O inconsciente passa a ser considerado um sistema com regras próprias e é ele que constitui a subjetividade. Ao desenvolver as idéias de Freud, Lacan coloca o indivíduo como um sujeito da linguagem, atravessado por ela e pela cultura.

Se o século XVIII foi marcado pela objetividade, pelo Iluminismo e pela razão, o início do século XIX foi marcado pelo lirismo, pela subjetividade, pela emoção e pelo Eu. Já o final do século XX e o início do século XXI são marcados pela globalização da economia, da informação, da comunicação e dos afetos potencializados pela revolução tecnológica digital. É possível, afirmar que, de um lado, as marcações que o século XXI imprime no psiquismo de cada um se desvelam em sintomas como a banalização do sexo, a frouxidão dos vínculos afetivos, a

²¹ Em Marx, o descentramento do eu ocorreu em relação à economia e à política, num reconhecimento das forças produtivas como ordenadoras da sociedade.

²² Nietzsche mostrou as relações de força e de poder como centrais e reguladoras do humano, também derrubando a primazia do eu e da consciência

insegurança, o medo do envolvimento e a depressão em última instância. Por outro lado, em termos coletivos, grupos sociais como as feministas tentam desvelar novas subjetividades através de projetos coletivos de cuidado e do autocuidado entre ativistas, como é o caso da ONG CFEMEA na tentativa de estimular a saúde mental entre mulheres ativistas.

Nesse sentido, pensar a Psicanálise contemporânea para Marucco (2007), implica rever metodologias e em particular, o trabalho do analista no exercício de suas funções analíticas e na sua inclusão como pessoa nesse encontro de singularidades que é o campo analítico. Representa também – na área acadêmica - ampliar o trabalho dos pesquisadores desta área, dado o nível de áreas de conhecimento envolvidas e transversalidades dos temas que colaboram na reflexão sobre cuidado e autocuidado.

No que diz respeito a relação entre subjetividade e gênero, De Lauretis (1984) afirma que

“A representação social de gênero afeta sua construção subjetiva assim como a representação subjetiva do gênero – ou sua auto-representação – afeta sua construção social abrindo uma possibilidade de agenciamento e auto-determinação ao nível do subjetivo e até individual das práticas micropolíticas cotidianas”. (De Lauretis, 1984,140)

Considerações Finais: Uso das Mídias e Redes Sociais Digitais

Em termos de inclusão digital, vale recordar que, em 2018, o relatório *Digital In*, ofertado pelos serviços *on line Hootsuit* e *We Are Social*, mostrou que dos 7,5 bilhões de habitantes no planeta, 4,21 bilhões estão conectados. Ou seja, apenas 53%²³, pouco mais da metade da população mundial. Destes, existem 3,196 bilhões de internautas que utilizam redes sociais digitais, o que representa 42% de todos habitantes do planeta, mas em cada país esse acesso é diferente, seja por questões de alfabetização digital, seja por condições de falta de infra-estrutura de rede, preços de equipamentos, mensalidade de internet, assim como pelos diferentes níveis de velocidade de rede ofertados à população.

Apesar de todos os problemas de baixa infra-estrutura de rede, o Brasil - entre os incluídos digitais - é o 3º país no mundo que mais tempo fica *on line*, com uma média diária de 9,14 horas. Os internautas acessam internet em diferentes plataformas tecnológicas, principalmente o celular, a tecnologia digital mais usada no mundo para

²³ Vale recordar que no mundo, 47% da população está desconectada, sem acesso à informação, ao conhecimento ou aos negócios digitais.

entrar nas redes sociais digitais (RSD). A rede social digital mais utilizada no país é o *Whats App* (WApp), seguida pelo *Facebook* (FB)²⁴. A troca de e-mails é cada dia mais reduzida, perdendo espaço, particularmente entre as gerações mais jovens, para a instantaneidade do FB e do WApp. Neste artigo compreende-se as redes sociais digitais como “comunidades de sentimentos”, conforme o faz Appadurai (1996), onde se unem sujeitos com interesses comuns, no caso o movimento feminista e as questões ligadas ao cuidado e autocuidado entre ativistas.

O CFEMEA possui *Facebook*, grupo no *Whats App* e utiliza a plataforma Universidade Livre Feminista (<https://universidadefeminista.org.br/>). A partir desta plataforma oferece cursos, diálogos e debates virtuais e atividades *on line*, onde o e-mail coletivo tem papel fundamental, já que nem todas participantes têm acesso diário à internet, particularmente as que residem no Norte e Nordeste do país. Nesse sentido, as redes sociais digitais são utilizadas para o ciberativismo²⁵ com temporalidades diferenciadas. Dentro dos diálogos virtuais promovidos pelo projeto de cuidado e autocuidado, o mais importante é o tempo para a reflexão sobre os temas propostos que podem durar duas semanas, como ocorreu em experiência realizada em 2018. Nesse sentido, a instantaneidade não é um fator importante no diálogo entre as mulheres.

De acordo com Johnson (2005, p. 25), as pessoas utilizam as comunidades virtuais - seja o *Facebook*, o *Whats App* ou mesmo debates/diálogos virtuais através de *mails* coletivos como é o caso do CFEMEA - para falar de si mesmas em ambientes públicos, mesmo restrito às participantes dos grupos nas redes sociais digitais. Embora muitas participantes não se conheçam presencialmente, não impede que o processo de *self-disclosure*²⁶ ocorra. Segundo Baym (2012), os contatos do grupo passam a ser reconhecidos pelos internautas – no caso, mulheres ativistas - como pessoas confiáveis com as quais podem se sentir à vontade para partilhar experiências íntimas relação de confiabilidade indireta entre os membros do grupo. Acreditamos que também colaboram para a troca de experiências cotidianas sobre cuidado e autocuidado, para a defesa sobre possíveis violências de grupos conservadores, para ampliar o

²⁴ Segundo dados da pesquisa Conecta, 2017.

²⁵ O ciberativismo é aqui compreendido como “[...] toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de determinada mensagem e sua propagação através do “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal”. (Ugarte, apud Reis; Alves; Loureiro, 2013, p. 6)

²⁶ A auto-revelação é um processo de comunicação pelo qual uma pessoa revela informações sobre si mesma para outra. A informação pode ser descritiva ou avaliativa, e pode incluir pensamentos, sentimentos, aspirações, objetivos, fracassos, sucessos, medos e sonhos, assim como os gostos, desgostos e favoritos. Disponível em <https://psychology.iresearchnet.com/social-psychology/self/self-disclosure/>.

espírito coletivo de “estar juntas”, mesmo fisicamente separadas e para se amparar mutuamente, multiplicando práticas de cuidado e autocuidado entre outras ativistas locais.

Referências bibliográficas

- APPADURAI, A. (1996). **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema.
- AYRES, J. (2004). Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu**, 8(14),73-92.
- _____. (2009). Da necessidade de uma prática reflexiva sobre o cuidado: a hermenêutica como acesso ao sentido das práticas de saúde. IN PINHEIRO, R. & ARAUJO, R. (Orgs.), **Razões públicas para a integralidade em saúde: o cuidado como valor** (p. 127-144). Rio de Janeiro: Editora do Centro de Estudos e Pesquisas em Saúde Coletiva.
- BAYM, N. Fans or friends?: seeing social media audiences as musicians do. **Participations: Journal of Audience and Reception Studies**, v. 9, n. 2, nov. 2012, p. 286-316.
- BOFF L. (1999). **Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BUTLER, J. (2003). **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (2002). **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo**. Nova York: Paidós,
- CFEMEA. Autocuidado e Cuidado entre Ativistas: Uma estratégia para fortalecer as lutas das mulheres. (**Documentos CFEMEA**). Disponível em < <https://cfemea.org.br>> . Acesso em 18 de dezembro de 2018.
- COMUM (2018). Mini-Manual de Autocuidado para Mulheres na Linha de Frente. (**documento impresso**)
- CORNABI, N., BRÊTAS, A. & MATHEUS, M. C. (2009). Humanização do cuidado de enfermagem: o que é isso? IN **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 62(3),349-354, maio-jun/2009.
- DE LAURETIS, T. (1987). **A Tecnologia do Gênero**. Disponível em < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033218/mod_resource/content/1/LAURETIS%2C%20Teresa%20de%20-%20%20A%20Tecnologia%20do%20Genero.pdf> . Acesso em 20 de dezembro de 2018.
- EL PAÍS. **Milenials na América Latina e Caribe: trabalhar ou estudar?** Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/04/internacional/1543937044_452881.html?id_externo_rsoc=FB_CC&fbclid=IwAR2fBEPFw6C-NA2wJmXgbfNjC UW BtDwUyRo0ky4pvL2-B893HpavkUfneuQ> . Acesso em 20 de dezembro de 2018.
- FREIRE, J. (2003). A Psicologia a Serviço do Outro: Ética e Cidadania na Prática Psicológica. IN **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, 23 (4), 12-15.
- FOUCAULT, M. (1993). **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1996). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal.
- FUKS, B. (2007). **Freud e a Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GILLIGAN, C. (1982). **In a Different Voice: psychological theory and women’s development**. Cambridge: Harvard.
- _____. (1997). **Teoria Psicológica e Desenvolvimento da Mulher**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- IBGE. **Pesquisa Conecta 2017**. Disponível em < <https://IBGE.gov.br>> . Acesso em 18 de dezembro de 2018.
- JOHNSON, S. **Cultura da interface**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- LACAN, J. (1992). **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar.

- OLIVEIRA, G. e DORDEVIC, J. (2015). **Cuidado Entre Ativistas: tecendo redes para a resistência feminista**. Disponível em Disponível em < <https://cfemea.org.br>> . Acesso em 18 de dezembro de 2018.
- OTERO, C. (2013). Os Laços Sociais na Era Virtual: um novo discurso? . **Dissertação de Mestrado**. Disponível em < <https://docplayer.com.br/5070959-Programa-de-pos-graduacao-strictu-sensu-mestrado-profissional-em-psicanalise-saude-e-sociedade-christianne-otero-os-lacos-sociais-na-era-virtual.html> > . Acesso em 07 de janeiro de 2019.
- REIS, L.; ALVES, E. e LOUREIRO, C. (2013). *Ativismo de Sofá: O movimento feminista no Facebook*. In: **Congresso INTERCOM**, 15, 12-14 jun. 2013. Mossoró-RN. Anais. Mossoró: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, (paper impresso).
- RODRIGUEZ, D. (2016). Mujeres en Círculo: análise do ativismo virtual gerado por uma comunidade feminista no Facebook. **Revista Signos do Consumo**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 4-18, jul./dez.
- RODRIGUES, L. e LUVIZOTTO, C. (2014). Feminismo na internet: o caso do coletivo marcha das vadias e sua página no Facebook. **Revista Colloquium Humanarum**, v. 11, n. especial, p. 367-375. Disponível em: <http://bit.ly/2edKDPu> . Acesso em: 05 janeiro de 2019.
- SCOTT, J. (1989). **Gender: a useful category of historical analyses**. Nova York: Columbia University Press.
- SILVA, I., OLIVEIRA, M., SILVA, S., POLARO, S., SANTOS, E., SANTANA, M. (2009). Cuidado, Autocuidado e Cuidado de Si. IN **Revista Escola Enfermagem USP** (43) 3 SITE G1. **10 Mulheres Inventoras que Revolucionaram o Mundo**. Disponível em < <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2015/03/veja-10-mulheres-inventoras-que-revolucionaram-o-mundo.html> > . Acesso em 26 de dezembro de 2018.
- SITE TUDO INTERESSANTE (2016). **Coisas Inventadas pelas Mulheres**. Disponível em < www.tudointeressante.com.br/2016/03/16-coisas-inventadas-pelas-mulheres-que-mudaram-o-mundo.html>. Acesso em 26 de dezembro de 2018.
- TURKLE, S. (1997b). Multiple subjectivity and virtual community at the end of the Freudian century. IN **Sociological Inquiry**, 67(1),pags. 72- 84.
- KUHNEN, T. (2014). A Ética do Cuidado Como Teoria Feminista. Disponível em http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT10_T%C3%A2nia%20Aparecida%20Kuhnen.pdf (paper). Acesso em 18 de janeiro de 2019.
- ZANELLO, V. (2018). **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos – cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Apris.